



Spartacus inspirou os protestos dos artistas contra a direção do Bolshoi

Crise no Bolshoi

Artistas insatisfeitos protestam contra direção artística da companhia moscovita

Michael Dobbs
The Washington Post

MOSCOU — A trama é parecida com o tema de um dos balés épicos de Yuri Grigorovich. Alguns funcionários do Ballet Bolshoi de Moscou, que reclamam por estarem sendo tratados como escravos por um administrador tirânico, decidiram se revoltar. A rebelião não teve sucesso, mas as suas conseqüências atingiram em cheio a mais conceituada companhia de dança do mundo.

As desavenças entre o diretor artístico da companhia, Grigorovich, e muitos dos ex-bailarinos do Bolshoi se desenrolam há anos, alimentadas pelos moscovitas com uma interminável rede de fofocas. No mês passado, os problemas aumentaram com uma inédita greve de fome por 24 horas de seis artistas do Bolshoi, conduzida por Gregoriev, secretário do comitê do Partido Comunista para o teatro e ex-cantor da Ópera de Bolshoi. Dois dos *grevistas* eram membros do corpo de baile. O Teatro Bolshoi mantém 2.500 funcionários no balé e na ópera.

“Gregoriev quer apenas atrair publicidade para si”, afirma Grigorovich. “Ele está tentando manter o seu poder, que está-lhe escapando dentro do Partido. Mas tanto ele quanto outros funcionários do Partido fizeram muito mal ao Bolshoi, afastando um bom número de eminentes artistas”, analisa. “Grigorovich acredita que o Bolshoi é sua propriedade particular e que todos nós somos seus escravos”, diz Alexander Bogatyrygov, bailarino solista e um dos participantes da greve de fome. “Nós estamos nos opondo à escravidão”, conclui Bogatyrygov. A razão imediata que deflagrou a greve de fome foi a introdução de um novo sistema de contrato que destrói a tradicional segurança trabalhista dos artistas do Bolshoi. Mas os rebeldes aproveitaram o movimento para denunciar a crescente decadência dos padrões artísticos da companhia.

A mais grave acusação contra Grigorovich é que, depois de mais de 25 anos como diretor artístico do Bolshoi, seus julgamentos de valor se deterioraram. Grigorovich construiu sua reputação no final dos anos 60 e início dos 70 com espetáculos poderosos como *Spartacus*, mas fracassou na produção de montagens signifi-

tivas nos últimos seis anos, recusando-se a contratar coreógrafos jovens. “O Bolshoi não é uma companhia experimental”, justifica. “Nós só convidamos mestre da coreografia, mas temos balés de produção recente que inclui coreografias de Roland Petit e John Neumeier. E na próxima temporada John Taras montará *O filho pródigo*, de George Balanchine. Eu mesmo estou trabalhando em duas montagens: uma baseada em música de Shostakovich, e uma nova produção de *Cinderela*.”

As queixas dos *dissidentes* do Bolshoi se referem, ainda, à ausência de uma atmosfera criativa, o que obriga muitos dos melhores bailarinos a deixar a companhia. Irek Mukhamedov é um desses *desertores*: emigrou para o Royal Ballet da Inglaterra. A briga dos bailarinos com Grigorovich inclui estrelas como Maya Plisetskaya e Mikhail Lavrosky, que afirmou, recentemente, que o Bolshoi se transformou em um “one-man show”. O mais feroz crítico da atuação do diretor artístico, no entanto, é Vladimir Vasiliev que teve o papel de líder da revolta escrava no balé *Spartacus*, especialmente criado para ele por Grigorovich. “A *perestroika* tomou conta da União Soviética, mas não do Bolshoi”, diz Vasiliev. “A greve de fome foi um ato de desespero. O que está acontecendo com o Bolshoi não é apenas uma crise, mas uma catástrofe”, conclui.

Aos 50 anos, Vasiliev desistiu, virtualmente, de dançar, dedicando-se à coreografia. Transferido do Bolshoi para o Teatro Stanislavski, sua nova produção de *Romeu e Julieta*, de Prokofiev, recebeu verdadeira aclamação da crítica, em parte porque o balé representa o rompimento como o *realismo socialista* adotado por Grigorovich. Segundo Vasiliev, a chave do poder de Grigorovich é a sua aliança com a diretora da Escola de Balé do Bolshoi, Sofia Golovkina. Controlando a entrada dos alunos, Grigorovich e Golovkina construíram uma rede de influência, recebendo apenas filhos e netos de parentes e amigos.

Por enquanto, a posição de Grigorovich parece segura. Apesar das ameaças desses artistas insatisfeitos, a verdade é que cada um deles está abandonando o Bolshoi. Quando se pergunta a Grigorovich sobre a sua saída, ele contrapõe que recebeu, há dois anos, o voto de confiança da maioria dos artistas do Bolshoi, com uma percentagem de quatro para um.

Hoje em dia

~~08/97~~ 26/7/50 andonno 6